

**Manual Digital
de Apoio ao Professor
para o livro **Museu desmiolado****

Escritor:
Alexandre Brito
Ilustradora:
Graça Lima
Ano da 1ª edição:
2011

lerépracima →



Sumário

1 – Autores

1.1 – Escritor Alexandre Brito

1.2 – Ilustradora Graça Lima

2 – Obra

3 – Leitura de Poesia na Sala de Aula

4 – Atividades

4.1 – Atividade disparadora – antes de ler o livro

4.2 – Atividade de desenvolvimento – durante, para explorar a obra, intercalando com suas leituras

4.3 – Atividade de fechamento – depois da leitura

4.3.1 – Oficina Desmiolada

4.3.2 – Intalações

4.3.3 – Mapa dos museus da cidade

5 – Anexos

5.1 – Atividade do poema “o museu das palavras esquecidas”

5.2 – Atividade da Oficina Desmiolada

5.3 – Matéria do Jornal do Comércio

5.4 – Resenha de Álvaro Marins

5.5 – Resenha de Celso Sisto

1 - AUTORES

1.1 – Escritor Alexandre Brito



Alexandre Silva Brito nasceu no dia 31 de julho de 1959 em Porto Alegre, numa segunda-feira fria de chuva “guasqueada”, como se diz no Rio Grande do Sul. Mora na Rua Fernando Machado, antiga rua do Arvoredo, a mesma daquela lenda urbana da cidade sobre o açougue que fazia linguiça com carne de gente. Se ficarem curiosos, é só pesquisar no Google...

O primeiro livro infantil que publicou foi *Circo mágico – poemas circenses para gente pequena, média e grande* (2007), também pela editora Projeto, mas o seu primeiro livro para adultos - *Visagens* - foi publicado bem antes, em 1986.

Sobre seu trabalho como escritor, Alexandre diz que não tem uma rotina metódica e se esforça para manter uma certa disciplina. Quando está muito envolvido em um novo projeto, mergulha de cabeça e não pensa em outra coisa que não escrever, pensar, ir atrás da ideia rara, em busca do bom poema. As leituras e a vida de todo dia são o seu alimento permanente, que fazem girar as hélices da criação. Para ele, há um mundo imenso dentro e fora da gente.

Brito também é músico, compositor, letrista e já trabalhou como editor. Como compositor, desde 2002, integra a Banda “os poETs”.

Álvaro Marin, Doutor em Teoria Literária pela UFRJ e coordenador de pesquisa e inovação museal do IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus, definiu o poeta Alexandre Brito como “um exímio esgrimista das palavras” (Anxo 5.4).

1.2 – Ilustradora Graça Lima



Graça Lima é carioca, nasceu no dia 12 de abril de 1958. Mora no bairro de Laranjeiras na cidade do Rio de Janeiro. É formada em Comunicação Visual pela Escola de Belas-Artes (UFRJ) e mestra pela PUC do Rio. Trabalha com design gráfico desde 1985 e seu primeiro livro publicado foi o livro *Noite de cão*, em 1990.

Graça tem uma metodologia para realizar o trabalho como ilustradora: organiza a sua pesquisa primeiramente, lê muito, olha muita coisa, faz muitos esboços, faz um espelho e só então começa a desenhar as artes. Raramente faz um “boneco” do livro. Trabalha sempre ouvindo música.

Já ilustrou mais de 50 obras, muitas delas premiadas, publicadas no Brasil e no exterior. Além de trabalhar com livros, é professora de criação da forma da Escola de Belas-Artes da UFRJ.

Participa de um blog, onde há diversas informações sobre seus trabalhos: <http://capaduraemcin-gapura.blogspot.com.br/>

2 - OBRA

Museu desmiolado é um livro de poesia, contendo 21 **poemas** que falam de museus inexistentes. Para dar consistência aos seus museus imaginários, o poeta os faz “cheios de coisas”. Como nos museus de verdade, nos lembra Álvaro Marin, “as coisas” adquirem a aura de encantamento para quem as vê, e, nos poemas de Alexandre, “as coisas” ditam o ritmo dos versos e fixam a atenção do leitor (Anexo 5.4).

Através das brincadeiras sonoras e com o sentido das palavras, o poeta faz o leitor pensar para que servem, afinal, os museus. Ao mesmo tempo em que brinca com a ideia de museus tão estapafúrdios, o autor o faz de um modo muito a sério: com uma linguagem bastante requintada, apostando na inteligência e na curiosidade do leitor: *“Cheguei a pensar se deveria trocar algumas palavras, em alguns textos há termos difíceis. Mas achei melhor não. Uma palavra desconhecida pode virar um desafio que levará o leitor a crescer. Aliás, não acredito em poesia que não seja exigente, que não provoque o estranhamento”*, afirma o escritor.

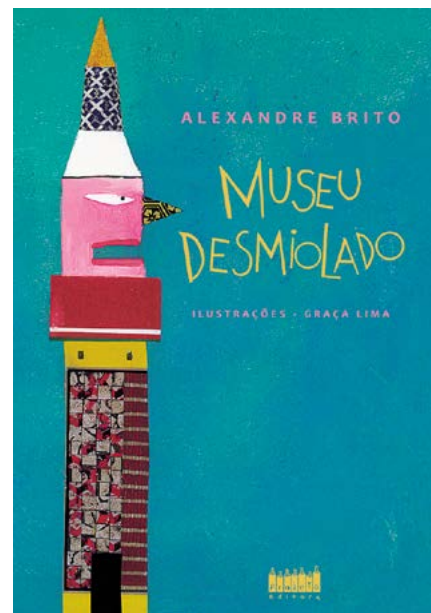
A obra é indicada para a **Categoria 5**, voltada aos alunos de 4º e 5º anos do ensino fundamental.

São diversos os assuntos dos poemas, mas todos estão relacionados de algum modo ao tema **O mundo natural e social**: fenômenos naturais e físicos como vento (em “o museu do vento”), crepúsculo (em “o museu do crepúsculo”) e espelhismo (em “o museu invertido”); reflexões sobre o tempo (“o museu dos relógios parados”), seres vivos microscópicos (“o museu nininho”) e corpo humano (“o museu do assobio” e “o museu do culé”).

Pensando na utilização de temas e conteúdos presentes na obra, em diferentes componentes ou áreas, com vistas a uma abordagem interdisciplinar, pode-se ir além das Ciências da Natureza com essa obra, aproveitando diversos poemas (especialmente “o museu das palavras esquecidas”) para um trabalho com a habilidade de uso do dicionário, importante procedimento a ser ensinado na escola nesta etapa da escolaridade.

A partir da exploração dos poemas, várias propostas de escrita também cabem para contemplar o desenvolvimento dessa outra habilidade essencial dentro da Língua Portuguesa. Isso sem falar nas ilustrações da obra, que podem inspirar diferentes propostas de apreciação e de produção, abordando as Artes Visuais.

E, ainda, mais importante do que tudo, a obra vai ao encontro do tema - mundo natural e social – oferecendo aos leitores inúmeras possibilidades de questionamento e desenvolvimento da curiosidade em relação a si mesmos, aos outros e ao mundo em redor, estimulando-os a se colocarem em diferentes posições para olhar o que quer que seja e ensinando-os a fazerem perguntas variadas sobre tudo.



3 - LEITURA DE POESIA NA SALA DE AULA

Leitura do texto - É importante que a leitura dos poemas seja feita pela professora uma ou mais vezes, mas também é fundamental que os alunos a realizem, individualmente, em duplas ou até coletivamente. Num primeiro momento podem ler aqueles que desejarem e se oferecerem, porém, aos poucos, é importante que esse grupo de leitores vá se ampliando. A professora pode incentivar aqueles que se mostrarem mais tímidos para essa atividade a praticarem em casa, treinando a leitura de um poema escolhido e lendo-o, depois, em sala para a turma. O fato de a leitura ser realizada várias vezes, pela professora e por diferentes alunos, é muito importante para contemplar ritmos e entonações diversas e garantir uma primeira aproximação mais efetiva ao poema, auxiliando a sua compreensão.

Leitura das imagens – Também é necessário relacionar cada poema à sua ilustração, procurando observar elementos comuns a um e à outra ou em que se complementam. Pode ser antes ou depois das primeiras leituras do poema, ajudando a preparar a sua leitura ou retomando-a. Em qualquer dos momentos, é preciso que essa exploração estimule os alunos a observarem as imagens com especial atenção, dando-se conta do uso das cores (ou da falta delas), da técnica utilizada, do traçado do ilustrador, das possíveis funções que a ilustração pode desempenhar ao figurar junto ao texto: a ilustração só acompanha o texto ou amplia o seu sentido? ela narra alguma “história”? ela descreve? ela organiza o espaço do texto na página? ela sugere alguma brincadeira? etc.

Exploração do sentido – É recomendado estimular com perguntas e comentários quando estiver conversando com os alunos sobre o sentido dos poemas, auxiliando-os a estabelecer relações variadas, a ouvir as ideias dos colegas, a levantar hipóteses sobre significados de palavras ou expressões, que podem ser conferidos depois, com auxílio do dicionário, se for o caso.

Exploração da sonoridade – Sempre que possível propor que as crianças observem as rimas e outros recursos sonoros como a repetição de sons, de versos, de uso de onomatopéias etc. e como estão distribuídos no poema, de que forma o ritmo do poema é marcado. É bom oportunizar que brinquem de dizer com certa ênfase as rimas, quando houver, ao ler o poema e que descubram outras rimas para um conjunto de palavras escolhidas.

Produção de poemas – Por fim, é bem importante que os alunos sejam desafiados a produzirem – coletivamente, em pequenos grupos, em duplas ou individualmente - versos, estrofes ou poemas, inspirados no que foi lido e trabalhado. Essas produções poderão ser registradas por escrito, mesmo que pela professora, quando os alunos as realizam oralmente. Se os próprios alunos as escreverem, a professora deve proporcionar que sejam compartilhadas e discutidas, para serem feitas melhorias coletivamente (em termos de vocabulário, estrutura, rimas e sentidos), e, ainda, uma revisão da escrita (uma dupla ou aluno revisa a produção do outro em relação à ortografia), com seu acompanhamento. Os alunos podem ilustrar sua produção final para compartilhá-la com colegas ou famílias: cartazes, slides em PowerPoint, lâminas para retroprojeter, folha ofício para compor um livro da turma etc.

4 - ATIVIDADES

4.1 - Atividade disparadora

A professora apresenta o livro e pede às crianças que leiam na capa que está sendo mostrada as informações sobre título, autor, ilustrador e editora. A partir dos comentários sobre o que observaram e leram de informações gerais, a professora questiona a expectativa dos alunos para a leitura de um livro com esse título.

Depois, solicita que - ao folhearem juntos o livro - observem brevemente os aspectos gerais dos textos e das ilustrações, sem ler propriamente os poemas. A professora incentiva alunos a lerem o sumário, o texto da contracapa, o texto sobre os autores no final, sempre buscando mais informações sobre o livro, antes de lê-lo.

Conversam sobre outras obras que leram e que podem eventualmente estar relacionadas a essa: um outro livro sobre museus, um outro livro do mesmo autor, um outro livro ilustrado pela mesma ilustradora.

Também conversam sobre as experiências e conhecimentos das crianças em relação a esse universo dos museus, perguntando, por exemplo: para que serve um museu? Quem conhece ou já foi a algum? Qual(is)? Com quem? Onde? Como se sentiram? O que viram? Do que mais gostaram?

Para encerrar, retomar o significado da palavra “desmiolado”, que faz parte do título, antes de lançar um desafio: se vocês pudessem inventar um museu que não existe, seria um museu do quê? Como ele seria? O que haveria nele? Depois de conversarem, o professor pede que registrem suas ideias no caderno para que possam ser retomadas em momentos posteriores de produções escritas.

4.2 - Atividades de desenvolvimento

A professora pode fazer adaptações, reduzindo ou complementando as atividades sugeridas, conforme sua turma de alunos e ano escolar. Os 21 poemas podem ser lidos em sequência, um por dia, pela professora e pelos alunos, em diferentes modalidades, e explorando os seus sentidos e a linguagem, conforme sugestões anteriores. Para além desses estudos, seguem algumas propostas especiais para alguns dos poemas do livro:

“o museu desmiolado” – págs. 6 e 7

Escrita de um texto - pode ou não ser poema - sobre um outro local “desmiolado” (um teatro, um cinema, uma casa, um parque), em duplas ou trios.



“o museu das parlendas” – págs. 32 e 33

Recuperar algumas parlendas que lembrem para recitam em grupo, ou programar uma data para apresentação de parlendas lidas ou recitadas em aula, depois de pesquisa em casa ou na biblioteca.

“o museu do crepúsculo” – págs. 34 e 35

Organizar na turma uma exposição de fotos de pôr do sol. Podem ser fotos já existentes nos álbuns da família do aluno, ou de revistas ou da internet, ou ainda pode ser su-

gerida como tarefa de casa - a ser feita com algum familiar num prazo que inclua alguns fins de semana -, a obtenção de fotos do pôr do sol, tiradas em diferentes locais da cidade. Para a exposição, pode ser feito convite para outras turmas da escola e para as famílias visitarem e devem ser confeccionadas legendas para identificação do local e do autor das fotos.

“o museu das palavras esquecidas” – págs. 36 e 37

Depois da leitura do poema, propor aos alunos a realização da tarefa descrita no **Anexo 5.1**, onde estão as instruções para o aluno (folha 1), as folhas prontas para impressão para o aluno (folhas 2 a 8) e a chave de respostas para o professor (folha 9).



4.3 - Atividade de fechamento

4.3.1 – Oficina Desmiolada

A Oficina Desmiolada é uma experiência divertida e criativa com o mundo das palavras. Foi criada pelo próprio autor do livro, Alexandre Brito, que eventualmente a ministra em escolas. Você pode se reunir com seus colegas de equipe do 4º e 5º anos e adaptá-la, organizando uma Oficina para os alunos dessas turmas. Utilize o **Anexo 5.2** (folhas 1 e 2).

Inicialmente algumas noções e peculiaridades da linguagem escrita podem ser apresentadas. Em seguida, a partir de diversos estímulos, o grupo passa a exercitar textos e palavras de formas usuais e não usuais, montando, desmontando, remontando frases e vocábulos de forma inventiva. Deste laboratório surge um texto construído coletivamente (em grupos) com a colaboração de todos, e que será apresentado aos outros participantes da oficina.

Objetivo:

A ideia é proporcionar uma relação livre e criativa com a linguagem escrita.

Material necessário:

- Quadro branco e canetas
- Dicionários (5 ou mais)
- Canetas esferográficas e outras (coloridas).
- Papel em branco.

Tempo estimado:

De 1h30min a 2h30 min, dependendo do número de participantes e interesse do grupo.

Iniciação:

1 - Dentro da perspectiva do poeta americano Ezra Pound, explorar com o grupo as três “potências da palavra”, qual sejam:

melopeia - apresentar os aspectos sonoros, musicais das palavras. Palavras como crepúsculo, vitupério, conglomerado, anêmona, anamnese e outras. Os trava-línguas são muito bem-vindos neste momento;

fanopeia - demonstrar as participantes a força imagética das palavras, a potência das imagens. Cada palavra evoca a coisa nominada que provoca em pessoas diferentes impressões, reações e

sentimentos distintos. Aranha, nuvem, sangue, abismo, beija-flor, oceano, travesseiro, cobertor, casa e ninho são palavras que remetem muitas vezes às experiências vividas desde a infância. A força da imagem traz à tona sentimentos e emoções que estão ligados a elas;

logopeia - tratar com o grupo desse aspecto da palavra que diz respeito ao logos, ao mundo das ideias e dos conceitos e de como nós construímos o sentido através da escolha e combinações de palavras.

2 - Essas três instâncias, que são intrínsecas à palavra e atuam unas e indissociavelmente, devem ser apresentadas e identificadas concretamente pelo grupo em um texto concreto (exemplos na folha 1 do **Anexo 5.2**).

3 - Trabalhar também os Palíndromos. Eles formam uma curiosidade linguística interessante e divertida de explorar observando o estranhamento da palavra e dos textos.

4 - Provocar o grupo espalhando uma gama significativa de poemas que explicitem a diversidade de formas, tradições, estilos, matrizes, das quais as poesias derivam, do haicai ao soneto, passando pela poesia concreta e o verso livre modernista.

Exercício Criativo:

Feito o preâmbulo com as explicações e o contato da turma com os vários exemplos de vocábulos e os poemas em boa medida, passar à parte de criação propriamente:

1 - Disponibilizar uma boa quantidade de palavras pré-escolhidas pelo professor, que reúnam exatamente aquelas considerações sobre a musicalidade, visualidade e semântica das palavras. Diria uma centena de vocábulos (folha 2 do **Anexo 5.2**).

2 - Reunir a turma em pequenos grupos e pedir a cada um que selecione da lista umas dez a quinze palavras.

3 - Em seguida distribuir um dicionário para cada grupo e propor que pesquisem cinco palavras desconhecidas que irão somar-se às demais.

4 - A seguir cada integrante vai acrescentar uma palavra que venha da sua experiência pessoal, uma palavra que designe sentimento ou coisa que tenha relevância especial no seu vocabulário pessoal.

Construção do Texto:

Com essas palavras todas, cada grupo vai construir o seu texto ou poema, coletivamente. A organização e o sequenciamento das palavras, um quebra-cabeça composto de vocábulos, evidentemente não se encaixam. Nessas lacunas é que vamos agir criando as ligações, inventando uma narrativa, uma história, que pode fazer ou não sentido. O *non sense* é bem-vindo, pois é um exercício com a linguagem que não visa um objetivo específico se não a da própria experiência criativa. Então se aparecer “um corvo amarelo no ombro de um leão negro”, ou “lesmolisas touvas roldando e relvendo nos gramilvos” não se assuste. O sucesso da oficina está garantido!

Preencher “as lacunas” quer dizer usarem todo o vocabulário de cada um, sem restrição. As palavras sugeridas são provocações iniciais que, de alguma forma, por alguma razão empática, foram objeto de identificação com os integrantes dos grupos. As palavras podem ser flexionadas e até mesmo deixadas de lado, contanto que se busque usar o mais possível delas.

Terminada a etapa da construção de texto, vamos então conhecer a escritura de cada grupo. Um ou mais integrante pode fazer a leitura do texto e, se quiserem, podem comentar como foi a experiência de escrever um texto ou poema a partir da oficina desmiolada.

4.3.2 – Intalações

Esta atividade deve acontecer somente se a escola dispõe de espaço físico que possa ser “reservado” para um Mostra desse tipo, por - pelo menos - uma semana, para as visitas.

A turma é dividida em grupos e cada grupo escolhe um dos museus do livro (não podem repetir). Planejam uma forma de expor o “museu” escolhido, ocupando um determinado espaço da escola.

Os componentes do grupo devem se dividir entre as tarefas de preparação de materiais, de montagem, de apresentação do espaço nos momentos de visita e também de desmontagem.

4.3.3 – Mapa dos museus da cidade

Organizar um mapa dos museus da sua cidade, com endereços e informações relevantes sobre cada um, pesquisando na internet. Quem conhece pode dar seu depoimento e inserir essa opinião no “mapa”.

A partir daí, organizar a visita com a turma a algum museu da cidade onde ninguém foi ainda ou que a maioria conhece pouco, tendo um roteiro especial para a visita preparado antecipadamente pelo professor.



5 – ANEXOS

No poema “o museu das palavras esquecidas”, o autor utiliza palavras que não são muito usadas cotidianamente. Com estes exercícios a seguir, você poderá conhecer o significado de algumas delas e, quem sabe, passar a usá-las. Pode ser bem divertido!

1 - Recorte as palavras da **folha 2** e coloque-as num envelope ou caixinha.

2 - Recorte os significados das palavras (**folhas 3 e 4**) e cole-os cuidadosamente nas **folhas 5, 6, 7 e 8**, utilizando apenas os espaços da **Coluna B**.

3 - Em casa, com a ajuda dos pais, de avós ou de irmãos mais velhos, tente fazer a correspondência dos significados, sem consultar dicionários. Talvez a pessoa que ajudar você se lembre de algumas das palavras “antigas”! Escreva a lápis o número da palavra a que o significado corresponde (deixando para colar na **Coluna A** após correção na sala de aula).

4 - Na sala de aula, retire as palavras do envelope e coloque-as sobre a sua mesa. Coloque-as em ordem alfabética. Com seus colegas de grupo, na escola, confronte os resultados que conseguiu com seus familiares.

5 - Com o uso de dicionários e a ajuda da sua professora, confirme as respostas corretas e cole as palavras nas **folhas 5, 6, 7 e 8**, utilizando os espaços correspondentes da **Coluna A**.

6 - Crie frases “malucas” com pelos menos 10 palavras que você achou mais interessantes. Registre-as no seu caderno. Quanto mais frases malucas, melhor!

7 - Em dupla, inventem um novo jogo com as palavras da **Coluna A**. Escrevam as instruções em um cartão e crie um nome para o Jogo. No dia seguinte, todos poderão experimentar um jogo novo, trocando de cartões com outra dupla.

8 - Depois de jogar jogos diversos, não deixe de voltar ao poema do livro. Boas releituras!

1 - zambaio	19 - saçanga
2 - cacófato	20 - talisca
3 - furibundo	21 - patuscada
4 - umbela	22 - vacatura
5 - gabara	23 - zafimeiro
6 - monoico	24 - tachonada
7 - ibiboca	25 - ancho
8 - jaguacinim	26 - vitupério
9 - ladário	27 - alquebranta
10 - lequéssia	28 - xalemanta
11 - macanjice	29 - puerpério
12 - uliginário	30 - pajelança
13 - pacholice	31 - ratina
14 - rebimboca	32 - garrana
15 - pachouchada	33 - bambolina
16 - quadrarão	34 - marulhada
17 - iluminância	35 - amojada
18 - tabicada	36 - concertina

vesgo	1.asneira 2.palavrão 3.espetáculo de má qualidade
qualidade do que é macanjo (=vulgar, safado)	som feio, desagradável
furioso	ato ou efeito de iluminar-se
que tem grande extensão; largo, amplo, espaçoso 2 inchado de vaidade, cheio de si 3. largura	guarda-chuva
armazém, adega ou despensa	chicotada
xale de grande tamanho usado como agasalho em viagens	composto somente por indivíduos dotados simultaneamente de sistemas reprodutivos masculinos e femininos
cobra coral	1. reunião festiva para comer e beber 2. farra
período que decorre desde o parto até que o estado geral da mulher volte às condições anteriores	mão-pelada (um tipo de mamífero carnívoro de pelagem cinza-escura)
peça de carro que não existe ou cujo nome ninguém conhece ainda	esperto, ardiso
tecido de lã cujo pelo é puxado para fora e encrespado	1. procissão de penitência como pagamento de promessa 2. preces coletivas por ocasião de calamidades

égua de pequeno porte, mas dotada de força	1.bebedeira 2.vadiagem 3.lamentação queixosa; choro
que tem um quarto de sangue negro (=mestiço)	1. que se amojou 1.1 cheio de leite 1.2 que foi ordenhado 2. em adiantado estado de prenhez
1. rede de arame farpado usada na proteção accessória de fortificações 2. instrumento da família do acordeão	que cresce em lugares úmidos, pantanosos
confusão de pessoas geralmente em briga, motim	agitação permanente das águas do mar, constituída pelos movimentos incessantes de vagas curtas e pouco altas
cada uma das ripas de madeira, faixas de pano ou papel, dispostas no vão superior do palco, para pendurar telões ou para completar o contorno do espaço cênico	ato, dito ou procedimento próprio de pachola (=bonachão)
qualquer rachadura estreita em uma superfície dura; fenda	1. palavra, atitude ou gesto que tem o poder de ofender a dignidade ou a honra de alguém; afronta, insulto 2. injúria 3. qualquer ato vergonhoso ou criminoso
alquebramento = esgotamento físico ou moral; abatimento	
estar vazio, vago; não ter proprietário; ser livre	
série de rituais que o pajé indígena realiza em certas ocasiões com um objetivo específico de cura ou magia	
1.manchado; mesclado 2. adornado ou preso com tachões	

5.1 – Atividade do poema “o museu das palavras esquecidas”

Coluna A

Coluna B

5.1 – Atividade do poema “o museu das palavras esquecidas”

Coluna A

Coluna B

5.1 – Atividade do poema “o museu das palavras esquecidas”

Coluna A

Coluna B

5.1 – Atividade do poema “o museu das palavras esquecidas”

Coluna A

Coluna B

alquebranta: (alquebramento = esgotamento físico ou moral; abatimento)

amojada: 1. que se amojou 1.1 cheio de leite 1.2 que foi ordenhado 2. em adiantado estado de prenhez

ancho: que tem grande extensão; largo, amplo, espaçoso 2 inchado de vaidade, cheio de si 3. largura

bambolina: cada uma das ripas de madeira, faixas de pano ou papel, dispostas no vão superior do palco, para pendurar telões ou para completar o contorno do espaço cênico

cacófato: som feio, desagradável

concertina: 1. rede de arame farpado usada na proteção acessória de fortificações 2. instrumento da família do acordeão

furibundo: furioso

gabara: armazém, adega ou despensa

garrana: égua de pequeno porte, mas dotada de força

ibiboca: cobra coral

iluminância: (=iluminamento) ato ou efeito de iluminar-se

jaguacinim: mão-pelada (um tipo de mamífero carnívoro de pelagem cinza-escura)

ladário: (ou ladairo) 1. procissão de penitência como pagamento de promessa 2. preces coletivas por ocasião de calamidades

lequédia: 1. bebedeira 2. vadiagem 3. lamentação queixosa; choro

macanjice: qualidade do que é macanjo (=vulgar, safado)

marulhada: (=marulho) agitação permanente das águas do mar, constituída pelos movimentos incessantes de vagas curtas e pouco altas

monoico: composto somente por indivíduos dotados simultaneamente de sistemas reprodutivos masculinos e femininos

pacholice: ato, dito ou procedimento próprio de pachola (=bonachão)

pachouchada: 1. asneira 2. palavrão 3. espetáculo de má qualidade

pajelança: série de rituais que o pajé indígena realiza em certas ocasiões com um objetivo específico de cura ou magia

patuscada: 1. reunião festiva para comer e beber 2. farra

puerpério: período que decorre desde o parto até que o estado geral da mulher volte às condições anteriores

quadrarão: que tem um quarto de sangue negro (=mestiço)

ratina: tecido de lã cujo pelo é puxado para fora e encrespado

rebimboca: (informal) peça de carro que não existe ou cujo nome ninguém conhece ainda

saçanga: confusão de pessoas geralmente em briga, motim

tabicada: chicotada

tachonada: 1. manchado; mesclado 2. adornado ou preso com tachões

talisca: qualquer rachadura estreita em uma superfície dura; fenda

uliginário: que cresce em lugares úmidos, pantanosos

umbela: guarda-chuva

vacatura: (=vacância) estar vazio, vago; não ter proprietário; ser livre

vitupério: 1. palavra, atitude ou gesto que tem o poder de ofender a dignidade ou a honra de alguém; afronta, insulto 2. injúria 3. qualquer ato vergonhoso ou criminoso

xalemanta: xale de grande tamanho usado como agasalho em viagens

zafimeiro: (informal) esperto, ardiloso

zambaio: vesgo

Palavras quotidianas

sol lua céu nuvem montanha
casa porta sorvete lâmpada

Palavras concretas

pedra pá poste pira osso

Palavras abstratas

saudade tamanho alegria bondade sede

Palavras sensações

contentamento leveza doçura tranquilidade

Palavras sonoras

crepúsculo anêmona enigma crisântemo

Palavras imagéticas

salamandra raio carranca esfinge

Palavras ideia-conceito

liberdade metáfora democracia estranhamento símbolo

ABRICÓ	SUPIMPA	PAISAGEM	LOUCURA	FILOSOFIA
ARAPUCA	TANAJURA	SENTIMENTO	AZULEJO	SACOLA
BAGULHO	TIRIRICA	FLUTUAR	REDEMOINHO	TEMPO
BALOFO	TROMBONE	RELÂMPAGO	CHUVA	VATICÍNIO
BANGUELA	UMBIGO	ENCONTRAR	RIO	ALPENDRE
BATUTA	URUCUBACA	SUBIR	GRUTA	ESQUELETO
BEIÇOLA	VITROLA	AMETISTA	CAVERNA	PALÍNDROMO
BICUDO	XAVECO	BELEZA	SABOR	MINÚSCULO
BOCHECHA	XERETA	CLARIVIDÊNCIA	ESPELHO	LUPA
CAÇAROLA	XODÓ	HOLOFOTE	REALÇAR	ESCADA
CAFUNÉ	ZAROLHO	CARMIM	CREPÚSCULO	BRINCADEIRA
CANGOTE	ZEBU	SILÊNCIO	PAZ	PALAVRA
CARAPUÇA	ZURETA	MADRUGADA	CROMÁTICO	ANÊMOMA
CHINFRIM	CASA	MÚSICA	ENVIESADO	SALAMANDRA
CHORUMELA	CÉU	MELODIA	LESMA	ANAMNESE
DODÓI	ÁRVORE	ALVORECER	ABELHA	VENTANIA
ENXAQUECA	HORIZONTE	LUZ	FORMIGA	IDIOSINCRASIA
ESCULACHO	MAREZIA	TEMPESTADE	TAMANDUÁ	PERCEPÇÃO
FANIQUITO	MONTANHA	FRONTEIRA	MORCEGO	LABAREDA
FAROFA	ESPAÇO	COMPREENSÃO	ESTRANHO	TUBÉRCULO
GAIATO	NUVEM	SENTIMENTO	ENGRAÇADO	ALFARRÁBIO
GOELA	PÁSSARO	SENTIDO	DIVERTIDO	PERSPECTIVA
GOGÓ	JANELA	GANGORRA	LANCINANTE	CARTILAGINOSO
MACACÃO	VENTO	CATAPULTA	TELHADO	ÁPICE
MARMOTA	SOL	GARGALHADA	SINISTRO	PROTUBERÂNCIA
MINGAU	LUA	PACIÊNCIA	CASTELO	VÉRTICE
MOCOTÓ	ESTRELA	DRAGÃO	ECLIPSE	PLUMA
PACHOLA	RELVA	ESFINGE	RELÓGIO	VÓRTICE
PAMONHA	FLORESTA	ENIGMA	FIDELIDADE	SOLSTÍCIO
PETELECO	JARDIM	CALEIDOSCÓPIO	AÉREO	PLENILÚNIO
PIPOCA	CRISÂNTEMO	MAGIA	SÓLIDO	VITUPÉRIO
POROROCA	JORNADA	FANFARRA	MACIO	ÓBOLO
QUIPROQUÓ	ESTRADA	RODOPIAR	COMETA	ALMANAQUE
RAPAPÉ	LIBERDADE	GRAÇA	DICIONÁRIO	CRIAREDO
RISOTO	VISÃO	IMAGINAÇÃO	ALQUIMIA	
SACRIPANTA	ENTENDIMENTO	MINUCIOSO	VASTO	
SOPAPO	ALEGRIA	UMBIGO	VIDA	

ARTES VISUAIS

O museu de cada um

Brigida Sofia

Um poema em homenagem ao Museu de Arte do Rio Grande do Sul (Margs) rendeu ao escritor Alexandre Brito um livro inteiro com diversos museus, ao gosto de cada criança. *Museu desmiolado* (Projeto, 45 págs., R\$ 38,00), com ilustrações de Graça Lima, tem lançamento hoje, às 18h, no Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (Andradas, 736 - 6º andar). No processo de criação do texto feito a pedido do Margs, entre 2007 e 2008, Brito construiu divertidos e intrigantes museus e Graça Lima deu a eles formas e cores ainda mais especiais. "Foram surgindo poemas que iam em outra direção, não atendiam àquela proposta. Quando consegui fazer um que me deixou satisfeito, percebi que tinha uma boa quantidade de museus malquinhos", conta.

Ao mesmo tempo em que brinca com a ideia de locais tão estapafúrdios - como o museu do chulé, do assobio, do botão, do vento -, o autor fala sério e utiliza uma linguagem bastante requintada, apostando na inteligência e na curiosidade dos leitores ao tratar temas como silêncio, perdas e solidão.

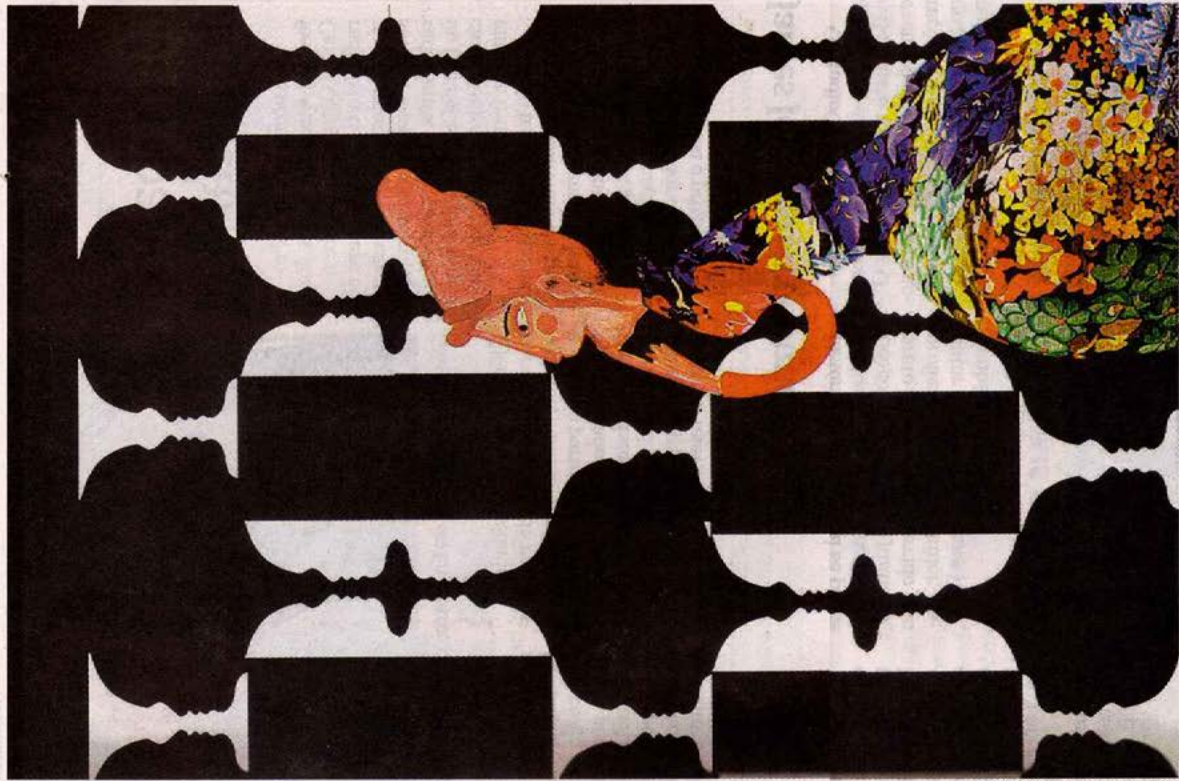
"Na mesma obra, tem museus estranhos, engraçados e sérios. Acho que as crianças podem falar sobre tudo isso. Muitas vezes temos uma visão distorcida ao imaginar que elas não estão prontas ou que poderá ser negativo tratar de alguns assuntos. Mas a solidão, por exemplo, não é estranha



ao universo infantil. Tem as histórias do menino perdido na floresta, do menino no quarto escuro", comenta.

Para o autor, só é preciso levar em conta a leitura diferenciada feita pelos mais novos. "Cheguei a pensar se deveria trocar algumas palavras, em alguns textos há termos difíceis. Mas achei melhor não. Uma palavra desconhecida pode virar um desafio que leva o leitor a crescer. Aliás, não acredito em poesia que não seja exigente, que não provoque estranhamento", afirma. No caso das crianças, ele destaca que nem sempre a compreensão está em um nível racional, o que não quer dizer que não haja aproveitamento. "Elas vivem em seus mundos reais, que são mundos de contos de fadas. Mesmo as que moram nas favelas transformam a violência em uma metáfora do real. Assim, mesmo que elas não entendam o significado exato, existe o prazer da palavra, a fruição. Fica no subconsciente, é mágico. Nem tudo é para ser entendido. Se analisarmos as cantigas, por exemplo, não há muita coisa dita", analisa.

No lançamento, Brito participa de um bate-papo com as crianças e faz uma leitura de poemas. Os originais de Graça Lima ficam expostos no local, até 17 de julho. "É uma oportunidade para conhecer o processo de montagem de um livro. A obra de Graça é de muita qualidade; é uma artista plástica que conversa com o texto sem repeti-lo, apresentando elementos novos. Isso é muito importante já que em obras infantis o peso das ilustrações é grande", diz.



Temas sérios, estranhos e engraçados estão na nova obra de Alexandre Brito

EDTORIA PROJETO/DIVULGAÇÃO

5.4 – Resenha de Álvaro Marins

Visitar o Museu Desmiolado depois de uma noite no Circo Mágico

O Museu desmiolado não é a primeira incursão de Alexandre Brito no universo da poesia para crianças. Ou, como ele informa na capa de seu livro anterior, o Circo mágico, são poemas para “gente pequena, média e grande”.

Neste primeiro livro, destinado a esse público tão especial, encontramos o poeta de Visagens, Zeros e O fundo do ar e outros poemas retrabalhando, na chave do imaginário infantil, procedimentos muito comuns em seus poemas dirigidos, sobretudo, para a gente grande.

O poeta porto-alegrense é, em sua poética como um todo, um exímio esgrimista das palavras. Autor de belos haikais em Visagens, onde os recursos deste tipo poema são usados com maestria, Brito, neste livro da juventude, utilizava trocadilhos, aliteraões e insights poéticos, que criavam imagens de rara beleza, encontráveis somente nos cultores brasileiros mais conhecidos desse gênero de poesia japonesa — Paulo Leminski, Olga Savary e Alice Ruiz, para ficarmos apenas nesses três.

O haikai exige grande domínio no uso desses procedimentos, mas eles precisam também ser utilizados com leveza e humor. E os livros de Brito focados nesse público de “gente pequena” são plenos dessa leveza e desse humor. Trabalhando esses elementos com fina harmonia, os seus poemas para crianças alcançam aquilo que poderíamos chamar de simplicidade inteligente. Que eu tenho certeza de que as crianças adoram. As crianças reconhecem suas próprias capacidades e ficam felizes quando adultos também reconhecem-nas.

A recusa em enxergar seus leitores menores como seres infantilizados contribuiu muito para o resultado que o poeta obtém nos poemas de Museu desmiolado. Entretanto, é preciso dizer que nesta segunda incursão de Brito na poesia para crianças seus poemas ganham um contorno diferente em seu conjunto temático.

Se em Circo mágico a graça dos poemas estava em tratar de personagens que existem na tradição circense mundial, no Museu desmiolado, Brito imagina poeticamente museus inexistentes. No livro anterior todos os poemas tratam de personagens que podem ser encontrados em qualquer circo do mundo, do menor ao maior: o malabarista, o palhaço, o equilibrista, a mulher que engole fogo, o domador, o mágico, entre outros. Cada um deles ganhou um poema.

O da mulher-borracha, por exemplo, começa assim:

a mulher-borracha
é que tem jogo de cintura

parece de látex
retorce pra lá, retorce pra cá
vira do avesso
se estica toda
que nem cobra, lombriga, minhoca
(...)

É curiosa a brincadeira que o poeta adota para a maioria desses poemas. Pode-se dizer que neles Brito brinca com as metáforas, mas, curiosamente, “desmetaforizando-as” de forma muito divertida. Explico melhor: a expressão ter jogo de cintura é uma metáfora utilizada para pessoas pouco rígidas, que são mais flexíveis, principalmente diante de situações difíceis da vida. Entretanto, no caso da mulher-borracha, isso não é uma metáfora e sim uma realidade física, corporal, visível.

A mulher-borracha não é nem um pouco rígida, pelo contrário, é capaz de alcançar o máximo de flexibilidade. Nesse processo, a figura de linguagem deixa de ser retórica para ser o significante objetivo da coisa significada.

O curioso é que fazendo uso de um procedimento que, a princípio, seria despoetizante, paradoxalmente, esses poemas ganham uma inesperada e bem-humorada carga poética em virtude mesmo do jogo de palavras criado por Brito, cujos versos são de uma simplicidade quase atrevida. Vejam que o procedimento se consolida ao final do poema, quando ele fornece a seguinte informação para o leitor:

(...)
mas o namorado largou dela
diz que é muito enrolada

O mesmo recurso é utilizado em vários poemas do Circo. Reparem nesse, dedicado ao equilibrista da corda bamba. Ele começa assim:

O equilibrista
É o passista da corda bamba

E termina assim:

(...)
no carnaval
ele relaxa geral
sai na imperadores do samba
e todo mundo diz:
esse é bamba!

Para não nos alongarmos nas citações, finalizo com este pequeno poema que fala da mulher do atirador de facas, que recupera para o leitor em chave poética a atmosfera tensa desse famoso número circense:

a mulher do atirador de facas
confia no marido de olhos fechados

errar é humano
mas ela nem desconfia

Cito esses exemplos porque eles ilustram bem o procedimento poético de desmetaforização do qual falamos acima e porque eles percorrem estruturalmente todo o corpo daquele livro. Embora os recursos utilizados por Brito não se restrinjam a esse, trata-se de um aspecto interessante da obra porque, ao longo de sua leitura, o leitor aprende a regra do jogo poético proposto pelo poeta e, por conta disso, desfruta com mais prazer dos seus poemas.

O Museu desmiolado tem uma estrutura diferente. Como já dissemos antes, os poemas deste livro tratam de museus inexistentes. Dois recursos básicos sustentam a poética desse livro fascinante: o ritmo e a própria imaginação. Se fôssemos colocar em termos poundianos, sua ênfase se apoiaria nos efeitos da melopéia e da fanopéia.

Um outro detalhe interessante, que ajuda a dar consistência aos museus imaginários do poeta, é que eles são cheios de coisas. E como nos museus, as coisas adquirem uma aura de encantamento que fixa nossa atenção e dita o ritmo dos versos. No "Museu do botão", segundo o poeta,

(...)
tem botão de camisa, de saia, de calça

*de bolso, de bolsa, de gola, de gala, de alça
botão que disfarça e botão que realça*

*fixo, elástico, natural, poroso, reciclado
fino, chato, oval, redondo, quadrado
de tudo quanto é estilo e formato
(...)*

No incrível “Museu do vento”, o procedimento é semelhante.

*no museu do vento
o vento venta por todo lado
não tem como não ficar
descabelado
(...)*

*vento que leva, vento que trás
vento que fica e vento que indica
vento é como água da bica
depois que passa não volta mais
(...)*

Como nas estantes, paredes e vitrines de um museu real, o “Museu das palavras esquecidas” apresenta-as em estrofes que guardam uma semelhança meio cômica com a literatura de cordel.

*(...)
zambaio, cacófato, furibundo
umbela, gabara, monoico
ibiboca, jaguacinim, ladário
lequéssia, macanjice, uliginário*

*Chega a ser hilário
Pacholice, rebimboca, pachouchada
Quadrarão, iluminância, tabicada
Saçanga, talisca, patuscada
Vacatura, zafimeiro, tachonada*

O poeta diverte-se junto com seus leitores, sejam eles grandes ou pequenos. E não é para menos. Nesta coletânea de poemas e museus, a imaginação corre solta e robusta, penetrando nas galerias dos mais variados tipos de museu: o “Museu do assobio”, o “Museu invertido”, o “Museu dos palíndromos”. Fico a imaginar quem irá visitar o talvez definitivo “Museu do fim do mundo”...

O escritor francês André Malraux disse em um livro chamado Museu imaginário que “O museu é um confronto de metamorfoses”. Sabemos também que a palavra museu deriva do grego e que designava o templo das musas — divindades que inspiravam a poesia, a música, a oratória, a história, a tragédia, a comédia, a dança e a astronomia. Acredito, pois, que foi a união tradicionalmente divina, que transforma a imaginação em poesia, que inspirou a criação de tantos museus imaginários neste desmiolado museu do Alexandre Brito.

Álvaro Marins é doutor em Teoria Literária pela UFRJ e coordenador de pesquisa e inovação museal do IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus.

5.5 – Resenha de Celso Sisto

A importância de guardar

Tem tanta coisa que é preciso guardar! E tem tanto lugar para guardar as coisas, que nem sabemos direito: guardamos no coração, na pele, no fundo do olhar, na ponta dos dedos, no gosto da boca, etc. Então somos feitos de vários museus, ambulantes, com certeza!

Pois esse livro amalucado, do Alexandre Brito, tratou de inventar primeiro uma explicação para a palavra “museu” (que é o lugar sem pressa), depois um monte de outros museus, para guardar coisas que se podem tocar ou ver (como o museu do vento, o museu do assobio, etc.) e coisas que só se podem sentir (como o museu do silêncio, o museu da solidão e o museu do chulé). Mas há também aqueles museus que fazem valer as coleções (como o museu do botão e o museu dos relógios parados). E já que cada vez tem mais gente no mundo e menos espaço físico, talvez o melhor mesmo seja a gente ir treinando para guardar as coisas na imaginação. Talvez, por isso, haja no livro, museus mais imaginativos, como o museu das palavras esquecidas e o museu do fim do mundo.

O autor começa avisando logo que os museus não precisam ser de coisas conhecidas ou certinhas, e manda de imediato “o museu desmiolado”, pra gente entender de cara que sua poesia é brinquedo, é musicalidade, é inversão, é criação do inesperado, é jogo. Nos 21 poemas do livro o autor anuncia que seu fazer poético é só um jeito de encontrar a palavra mais adequada pra caber no espaço amplo da imaginação, com um fio musical invisível, que vai atando tudo!

A idéia geral do livro (coisa típica dos museus, como classificar e catalogar) é desconstruída e reconstruída todo o tempo. O tom maior é o da brincadeira, do divertimento. Mas também pode ser serio e comportado quando diz que o museu da solidão nem é sólido, nem é líquido, é íntimo. Bonito demais!

Graça Lima se renova a cada obra que ilustra. Neste livro, em especial, mistura de forma brilhante, colagens, texturas, desenhos com guache, tinta pva e acrílica, planos, sombras, saídas inesperadas, prolongamentos fantásticos, finalizados com lápis de cor. E tudo tem movimento. E tudo ganha outra dimensão de beleza: no contraste das cores, nos claros e escuros, na mistura do velho e do novo. É admirável sua destreza na criação de personagens, que são únicos e divertidos; fortes e altamente expressivos.

Alexandre, que é músico, letrista, integrante da banda PoETS, é de mãos dadas com Graça Lima, um menino, cheio de surpresas, em seu segundo livro pela editora Projeto! A maior de todas as surpresas é aproveitar o convite do autor, para afiar os sentidos, exercitar a pulsação da língua viva, no processo de formação e desintegração das palavras.

O que fica escorrendo em lindeza desse livro é a possibilidade da memória de cada um ser o maior museu do mundo. E o mais bonito, é claro!